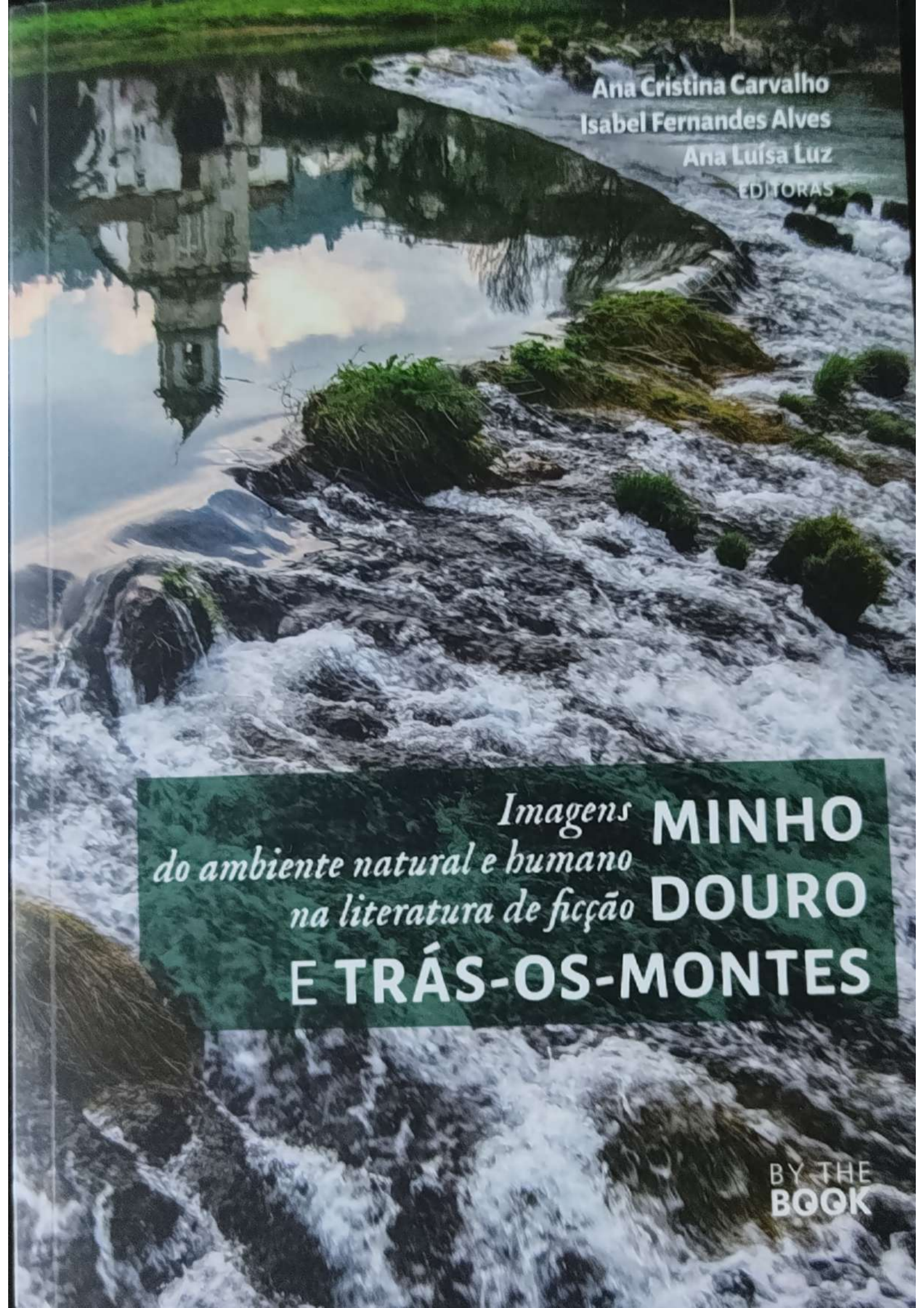


A photograph of a river with a waterfall and a church reflected in the water. The church is a small, white building with a bell tower, situated on a hill. The water is turbulent and white with foam as it flows over rocks. The sky is blue with some clouds.

Ana Cristina Carvalho
Isabel Fernandes Alves
Ana Luísa Luz
EDITORAS

*Imagens
do ambiente natural e humano
na literatura de ficção* **MINHO
DOURO
E TRÁS-OS-MONTES**

BY THE
BOOK

MINHO, DOURO E TRÁS-OS-MONTES. A ocidente, o oceano, que dá ao Minho o horizonte "fechado pelas montanhas mais chuvosas da Europa" e bastos rios animando "veigas altamente produtivas". De leste, a influência continental que endurece o clima, aliado à rocha e à avareza dos solos na criação da fácies transmontana. Território Norte, geográfico e poético, unido a sul pelo fio do Douro, entre as escarpas da fronteira e a calmaria da foz. Dos Cancioneiros Populares aos títulos do século XXI, poucas formas primitivas da natureza e da construção antrópica da paisagem ficaram à margem da sensibilidade dos escritores e das páginas da Literatura Portuguesa.

Que valor tem a nossa literatura de ficção enquanto celeiro imaterial da memória de Minho, Douro e Trás-os-Montes? Que imagens desse património nos legaram os escritores nos seus romances, contos e novelas? Podem as suas páginas acender a consciência ecológica, geográfica e climática nos leitores de hoje?

As investigadoras Ana Cristina Carvalho (Universidade Nova de Lisboa), Isabel Fernandes Alves (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro) e Ana Luísa Luz (Universidade Nova de Lisboa) reuniram em torno destas questões 15 investigadores, numa cooperação consagrada à região norte de Portugal, firmada na análise de 35 obras de ficção de 17 escritores da Literatura Portuguesa.

A série *Literatura & Ambiente*, inédita no panorama editorial português, foi pensada sob o signo da Ecologia Humana e da Ecocrítica: os seus estudos e reflexões valorizam em especial as imagens literárias da paisagem humanizada e da interdependência histórica entre o ser humano e os recursos naturais, incluindo o Clima. Dentro deste eixo temático cruzam-se as Ciências da Terra, as Ciências Sociais e Humanas e a Arte Literária. Os cinco volumes propõem-se à academia, mas vivem também da sua aptidão para cativar um público mais amplo, interessado e curioso.

1. ALENTEJO(S)
2. BEIRA(S)
3. MINHO, DOURO E TRÁS-OS-MONTES
4. RIBATEJO E ESTREMADURA
5. ALGARVE(S)

Direção: Ana Cristina Carvalho



Ana Cristina Carvalho
Isabel Fernandes Alves
Ana Luísa Luz
EDITORAS

Literatura & Ambiente

Direção: Ana Cristina Carvalho

1. Alentejo(s). *Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*
Editoras: Ana Cristina Carvalho e Albertina Raposo

2. Beira(s). *Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*
Editoras: Ana Cristina Carvalho e Cristina Costa Vieira

3. Minho, Douro e Trás-os-Montes. *Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*
Editoras: Ana Cristina Carvalho, Isabel Fernandes Alves e Ana Luísa Luz

Imagens **MINHO**
do ambiente natural e humano **DOURO**
na literatura de ficção **E TRÁS-OS-MONTES**

BY THE
BOOK

OS SIMPLES DE GUERRA JUNQUEIRO.

Trás-os-Montes: a alma do povo

LÍDIA MACHADO DOS SANTOS

lidia.flavie@ipb.pt

Centro de Investigação em Educação Básica (CIEB) – Escola Superior
de Educação de Bragança, Instituto Politécnico de Bragança

Resumo

No estudo que se apresenta, analisamos a presença de Trás-os-Montes na paisagem e na relação humana com a terra em *Os Simples* de Guerra Junqueiro. Consideramos que a relação com a natureza surge implícita na escrita junqueiriana, sobretudo na obra em estudo, bem como nos lugares e nas gentes que povoam a memória do poeta desde a infância. Personagens como a Moleirinha, o Cavador, o Pastor, os Pobrezinhos ou mesmo espaços personificados, como a eira, são evidenciados por se destacarem nas tarefas dependentes da natureza e por serem representativos do *modus vivendi* da região. Por estes motivos, focar-nos-emos no papel das personagens, dos espaços e da paisagem na construção do estado de alma do poeta em consonância com a alma do povo.

Palavras-chave: Guerra Junqueiro. Espaço rural. Paisagem. Natureza. Pessoas.

Abstract

***Os Simples* by Guerra Junqueiro Trás-os-Montes: the people's soul**

In this study, we analyse the presence of Trás-os-Montes in the landscape and in the human relationship with the land in Guerra Junqueiro's *Os Simples*. We believe that the relationship with nature is implicit in Junqueiro's writing, especially in the work under study, as well as in the places and people that have populated the poet's memory since childhood. Characters such as the Moleirinha, the Cavador, the Pastor, the Pobrezinhos or even personified spaces such as the eira (threshing floor) are emphasised because they excel at nature-dependent tasks and are representative of the region's *modus vivendi*. For these reasons, we will focus on the role of the characters, the spaces and the landscape in the construction of the poet's state of mind in line with the soul of the people.

Keywords: Guerra Junqueiro. Rural Space. Landscape. Nature. People.

1. Introdução

Abílio Guerra Junqueiro (Freixo de Espada à Cinta, 1850 – Lisboa, 1923) é, sem dúvida, um autor de referência, sobretudo a partir de 1870, pelas características que o hão de acompanhar até ao limite dos seus dias: homem imbuído de um espírito crítico, político dedicado ao país, transmuntano, que espelhará em *Os Simples* o apego à terra, concretizado na quinta de Barca d'Alva, e destacará aí a simbologia desse transmuntanismo, das suas gentes e das suas paisagens. Homem de fortes convicções anticlericais, bem claras na sua obra, poeta panfletário, no início do seu trajeto enquanto escritor, sendo de salientar também o seu apego à coleção de obras de arte, à faiança e à família.

O seu nome está visivelmente ligado à sátira, expressa sobretudo em obras como *A Velhice do Padre Eterno* (1885), *A Morte de D. João* (1874) e *Finis Patriae* (1890). Não será talvez excessivo afirmar que a escrita junqueiriana constitui a abertura em direção às preocupações mais profundas, relacionadas com os destinos tumultuosos da política e da religião do país, que lhe povoam o pensamento e as ações quase até 1923 – o país dos finais do século XIX, em agonia social e financeira, sobre o qual é imperioso refletir e para o qual urge encontrar soluções. Na sua escrita, na sua poesia, na “fulgência da rima, na esplendidez das imagens, na precisão das comparações, na corrente impetuosa das palavras” estão presentes as reflexões que era necessário fazer e por isso, principalmente por isso, Junqueiro “produziu versos que afaçam como carícias [em *Os Simples*, por exemplo], e outros que ferem como punhaladas” (Cabral, 1942: XI), como em *A Velhice do Padre Eterno*, *Pátria*, *A Morte de D. João*, *Finis Patriae*. Talvez por ter em conta, sobretudo estas obras, é que António Cabral (1942) não hesitou em asseverar que Junqueiro foi “violento, sem apoio da razão, agressivo, sem o amparo da justiça, insultou, ofendeu, demoliu, para só tarde reconhecer que tinha sido injusto e falto de bases no ataque, nada edificado sobre as ruínas que ajudara a amontoar” (p. XV). Na mesma obra, António Cabral diria ainda que Guerra Junqueiro tinha sido um

artista exuberante, de opulência rara nas imagens e nas rimas, padecia de falta de singeleza, sofria de afetação na forma. A preocupação do aparato e da pompa, anulava-lhe a sinceridade. Esse aparato, porém, essa pompa, deram-lhe o triunfo e a glória. A riqueza das palavras enublava-lhe a pureza do sentimento; a paixão, excitava-lhe a Musa. E foi a Musa, assim exaltada, que lhe deu a glória e o triunfo. Mais lhe valera ser sempre calmo e doce, do que, tantas vezes, arrebatado e virulento. (p. 115-116)

Em 1892, após o turbilhão, principalmente de índole religiosa, que a publicação de *A Velhice do Padre Eterno* havia despoletado e já após o *Ultimatum* inglês, momentos da história do país que provocariam a “opulência” e o “aparato” visíveis na escrita de Junqueiro e a que Cabral (1942) se refere, eis que surge aquele que o próprio poeta

definiria na dedicatória como o seu “melhor livro” (Carvalho, 1972: 861): *Os Simples*. Assim sendo, parece-nos pertinente recordar que a obra *Os Simples* é caracterizada, em 1923, por Leonardo Coimbra, como uma obra de “repouso lírico, de simpática vibração com a alma do povo” que lhe está impregnada; um “livro em que uma simpatia transbordante, invasora, cria o meio que o poeta respira e a cada inspiração, a alma cristianíssima do povo e a alma esparsa da paisagem derramam-se na alma do Poeta que, a cada inspiração, as devolve aumentadas do amor com que as envolvera e penetrara” (Coimbra, 1923: 18).

Ao trilharmos os caminhos de *Os Simples*, somos abraçados por esse ambiente de conexão entre o mundo terreno (as paisagens, as gentes, os espaços onde se movem, a azáfama em torno das tarefas agrícolas) e a purificação da alma de quem labuta diariamente e acredita numa força maior para essa purificação, porque “o solitário de Barca de Alva foi sempre um panteísta, um crente no espírito divino” (Navarro, 1926: 4). Apesar do espírito que reveste a obra, “do encantamento, dos caminhos e estradas da aldeia, dos coros das moças da lavoura, a saudade do regaço e amparo da velha ama” (Coimbra, 1923: 20), o texto apresenta experiências de vida do poeta num tempo recuado às quais se juntam um panteísmo naturalista, um “mal de viver” que encontra a “alegria consoladora” junto “das ilusões dos simples” (Coimbra, 1923: 229).

A obra deixa, pois, cair as características de irreligiosidade, de revolta e de ataque às instituições (sobretudo à Igreja católica) que revestem *A Velhice* e assume-se como uma indicação para o “remodelamento poético” defendido pela Renascença Portuguesa (*A Vida Portuguesa*, 1913: 111). Talvez por isso, mais tarde, Junqueiro confidenciasse a Raúl Brandão que “da minha obra só a parte religiosa é que é grande” (Brandão, 1923: 53), pelo facto de *Os Simples* indicarem um percurso espiritual novo encontrado no amor transmitido pela natureza. Essa é, na verdade, a missão dos poetas, ir “adiante, abrindo à luz e ao amor novos horizontes [...] porque têm a cabeça do génio e o coração da inocência” (Antero de Quental, 1926: 56-57).

Contudo, a obra *Os Simples* representa também a vida árdua, perseguida diariamente, sem direito a descanso, no campo, na floresta, no moinho, na eira, sempre à mercê de uma natureza, ora clemente, ora mordaz, muito própria, aliás, da geografia transmontana. É essa natureza, em todas as suas especificidades, que povoa e molda, não apenas os micro e macro espaços que compõem a paisagem, nomeadamente as aldeias e o interior das casas, mas é a responsável pela construção dos estados de alma das gentes e do poeta e pela relação que estes estabelecem entre si e com a própria natureza. É assim que surgem comportamentos e costumes que enaltecem Trás-os-Montes. É assim, de resto, que surge o país, já esplendidamente cantado em *Pátria*, na voz da personagem Astrologus, cujos versos destacados nos remetem para uma clara antevisão de *Os Simples*:

E que pátria! a mais formosa e linda

Que ondas do mar e luz do luar viram ainda!
Campos claros de milho moço e trigo loiro,
Hortas a rir, vergéis noivando em frutos d'oiro,
Trilos de rouxinóis, revoadas de andorinhas,
Nos vinhedos pombais, nos montes ermidinha,
Gados nedios, colinas brancas olorosas,
Cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas,
Selvas fundas, nevados píncaros, outeiros
D'olivais, por nogais frautas de pegureiros,
Rios, noras gemendo, azenhas nas levadas,
Eiras de sonho, grutas de génios e de fadas,
Riso, abundância, amor, concórdia, juventude,
E entre a harmonia virgiliana um povo rude,
Um povo montanhez e heróico à beira-mar
Sob a graça de Deus, a cantar e a lavar!
Pátria feita lavrando e batalhando: Aldeias
Conchegadinhas sempre ao torreão de ameias. (Carvalho, 1972: 542)

Os Simples representam um marco na vida, no pensamento e na escrita de Guerra Junqueiro. Para aqueles que conhecem a sua escrita, principalmente inconformada e portanto contestatária, a obra representa uma descoberta – a descoberta de um homem que afinal nunca se desligou das suas raízes mais profundas, das paisagens que sempre lhe povoaram o espírito e das gentes que contribuíram para a sua formação. Um homem que deixa “flutuar, em graça e simplicidade, a Criança que em si domina” (Coimbra, 1923: 19). Para além do hino a Trás-os-Montes e às suas gentes que *Os Simples* representam, às personagens, aos espaços, aos hábitos, aos sons, às imagens que surgem no seu encaço e que estão na base da formação do poeta, a escolha deste texto servirá também para revelar aquele que muitos conhecerão apenas como combativo, satânico, realista, revolucionário, irritado, mas que soube ser, na verdade, o poeta do “suave lirismo de *Os Simples*”, aquele que soube envolver-se na “mansidão de um rio, a espriar-se, liso e sereno, em verde e lisa campina, depois do tumultuar das águas revoltas por entre margens sombrias e sobre rochas agudas” (Cabral, 1942: 75-76).

2. Viver com(o) *Os Simples*

Detenhamo-nos, pois, no texto, para melhor compreendermos o que temos vindo a afirmar, especialmente no que concerne ao *modus vivendi* de *Os Simples*, aos diferentes espaços externos (propiciados pela natureza e pelos lugares designados para o trabalho e para a oração, como a eira e a ermida) e internos (propiciados pela casa e pela família), uma vez que todos (espaços e personagens) contribuem para a poeticidade da linguagem – rica em terminologia própria da paisagem e do povo transmontano – e conferem à

obra um tom abrangente e humano. Tal como o poeta defende, só assim é que “a poesia do povo é altamente fecunda e sugestiva [contudo] é necessário que a obra de arte dela derivada, dentro duma forma que poderá ser quase regional, tenha um pensamento cosmopolitamente humano. Isto é: ser ao mesmo tempo duma província e do mundo inteiro” (d’Oliveira, 1955: 193).

O espaço, independentemente da sua tipologia, surge marcadamente trabalhado ao longo da obra, estrofe após estrofe, e a adoção desse foco envolve-se na escolha propositada das personagens (o Lavrador, a Velhinha, o Peregrino, a Camponesa, a Estrela d’Alva, o Pobrezinho, a Moleirinha, o Cadáver, o Pastor, o Cavador), uma vez que representam ambientes, ideologias, experiências, trabalho – o povo, numa só palavra. Em qualquer um destes aspetos encontramos o cunho do poeta, principalmente nas descrições pormenorizadas que proporciona ao leitor acerca do ritmo exigente das tarefas campestres. Vejamos algumas destas personagens e alguns destes espaços.

Por exemplo, no texto “A Moleirinha” – uma “moleirinha branca”, “encarquilhada” e “benta” que “quando o galo canta” se “levanta/P’ra vestir os netos, p’ra acender o lume” e, logo de seguida – “toque, toque, a velha vai para o moinho” – o ritmo é concedido pelas tarefas que a personagem desempenha com destreza ao longo do dia, desde que o “galo canta” até que “os milhões d’astros o luar sem véu” vem mostrar. O “toque, toque” (a onomatopeia que, ao longo do poema, liga as tarefas da Moleirinha e do seu jumentito “ingénua e humilde”) é constante e marca a pressa, porque “é tarde, moleirinha santa”, é chegada a hora de sair do moinho e regressar a casa, ao lar. Os “olhos de mistério interrogando o Infinito são para a Moleirinha boas companhias da noite, lembrando o aconchego da casa, junto aos netos e ao fogo da lareira” (Coimbra, 1923: 22): sem dúvida, elementos muito característicos da meninice do poeta e das memórias de todos os transmuntanos, tal como a melancolia provocada pela lembrança da avó que o poeta compara com a Moleirinha (“Vendo esta velhita, encarquilhada e benta,/Toque, toque, toque, que recordação!/Minha avó ceguinha se me representa...”).

Já no texto poético “O Pastor”, que “desde tenra infância” passava o tempo a “escalar montanhas” na busca incessante “por pastagens bravas d’auroral fragrância”, pela “deserta, imensa, rústica paisagem”, por “cordilheiras, campos, astros d’oiro, luar” onde se fez “moço e grande pelas serras brutas/Onde as águias pairam, onde o roble medra”, por essas “íngremes ladeiras/Pastoreava o gado” e, “no poço da sua alma, o verão, o inverno e a primavera iam depositando imagens: ora de desespero e angústia ora tumultuosas e ciclópicas, ou rescendentes a rosmaninho e serpol” (Coimbra, 1923: 31). Na verdade

o inverno desenha-lhe as linhas vigorosas do rosto, onde a erosão dos ventos traça a robusta máscara do montanhês; o verão chupa-o de carnes flácidas, retezando-lhe a musculatura e dando-lhe a expressão da renúncia heróica; a primavera cobre-o de flores, do alvoroço dos ninhos, de regatinhos tagarelantes, põe-no, mimo da Natureza, mais feliz

nos campos que o próprio Deus no altar [...]. (p. 31)

Neste texto, as descrições da paisagem estão ainda mais presentes, assim como o apego à terra e às tarefas que a profissão de pastor impõe: no cuidado com a ordenha do leite (“Ordenhando o leite, cantarinho cheio”), no tratamento aos “anhos e cabritos”, que “no mês de Março píncaros maninhos” o pastor, “mais feliz nos campos do que Deus no altar”, lhes presta. O poema apresenta a saudosa vida do Pastor, as suas vivências, agruras, felicidades, a sua relação próxima com a natureza ora luxuriante, de “Pastos tão mimosos, que quisera a gente/Transformar-se em ave para o não calcar”, ora repleta de “gelos, ventanias, feras”, capaz de santificar o Pastor no final do seu percurso:

Tal pastor santo, já de vez caído,
Já corcovadinho, flébil, quase morto,
Arrimado ao velho báculo torcido,
Nada ouvindo, nada, com o duro ouvido,
Vagamente olhando com o olhar absorto,

la pelos montes na tristeza infinda
Dum coração ermo, com a morte aceite,
A pedir aos anjos para ouvir ainda
Badalar ovelhas numa noite linda,
Quando a Lua os campos alagasse em leite! (Carvalho, 1972: 901)

Por outro lado, o Pastor representa a “paz das solidões dormentes”, só conseguida por aqueles que se afastam do “mundo rancoroso e vil” e, por isso, o Pastor, “Aos cem anos inda, com a fé dos crentes,/Punha olhos claros, simples, inocentes,/Na estrelinha d’Alva das manhãs d’Abril!” (Carvalho, 1972: 901). O poema espalha-se ao longo de várias estrofes, todas elas um relato fiel da vida solitária do Pastor. Uma vida “alegre como o Sol nascente” na qual a “frauta” feita de “inocência, riso, amor, clarão” se “embebia”; uma vida longa e só possível graças a essa comunhão com a natureza que lhe permitia ter um “Peito nu, aberto; construção de touro!/Quase me admirava que nas primaveras/Desse peito rude não brotassem heras,/margaridas, lírios com abelhas d’ouro (Carvalho, 1972: 898) e elevá-lo a uma condição de “santo sem saber que o era” - “Fez-se em anjo branco, inda outra vez pastor:/Milhões d’astros seguem seu olhar jucundo,/São rebanhos d’almas pelo azul profundo/As ovelhas novas do Ti-Zé-senhor!...” (Carvalho, 1972: 902).

No entender de Leonardo Coimbra, citado por José Carlos Casulo (2020), Guerra Junqueiro

afastava-se do cristianismo, tornava-se incapaz de compreender a experiência existencial

humana de busca do Infinito, à qual Deus, Ele o Ser Infinito, respondera com o mistério da fé cristã: a Encarnação e o amor misericordioso e redentor de Jesus. Não tendo sido capaz de alcançar a grandeza deste mistério, manifestava um jacobinismo na intolerância para com a Igreja Católica e, tomando a árvore pela floresta, a partir de casos particulares de degeneração do clero, denegria a Igreja Católica na sua globalidade, como o tinha feito no ataque à forma celibatária obrigatória do sacerdócio católico. (p. 483)

No entanto, em *Os Simples*, na denominada “fase de repouso lírico” à qual já aludimos, o “poeta era a voz do povo cristão” (Casulo, 2020: 474), do povo sofredor, do povo que trabalhava incansavelmente em simbiose com as estações do ano e com o relevo no qual encontrava força espiritual em Deus.

O texto poético “Os Pobrezinhos” é o reflexo de todos aqueles que nada têm, “Pobres de pobres são pobrezinhos” só comparados com “aves sem ninhos”, sem abrigo, daqueles seres que passam pelas aldeias “como farrapos, coisas sombrias,/Trapos levados nas ventanias...”. “Os Pobrezinhos” são “humildes”, “ceguinhos”, “enjeitados, rotos, sem pão”, sem deixarem de ser “Filhos de Cristo, filhos d’Adão” e “Pobres benditos” auxiliados por outros pobres que também pouco têm, mas que não deixam de dar a “esmola”, o “vinho no bucho, pão na sacola” (Carvalho, 1972: 908).

Ao percorrermos as estrofes deste texto percebemos que os Pobrezinhos são todos aqueles que, de uma forma ou de outra, se despojaram dos bens terrenos, mas que reforçaram a sua aproximação a Deus. Os Pobrezinhos de Junqueiro são

quase como os da lenda, santos disfarçados, escondendo nos seus farrapos, sob o latido dos cães e as pragas dos medrosos e aventos, um grande coração de oiro, tabernáculo do bom Deus do amor. E ele, o Poeta, e nós, os remediados de bens terrenos, ficamo-nos a olhar como uns pobrezinhos de Deus, que se ausentou de nossos corações cheios das vaidades e ambições do mundo. (Coimbra, 1923: 34)

Em “O Cavador”, a impiedade de uma natureza sobejamente agreste, onde abundam as encostas ermas e bravias, as “montanhas nuas sob a geada”, a “serra agreste”, é contínua e mistura-se com a “neve [...] fria d’arminhos” e a “geada”. “O Cavador”, cujo vassalo é a “enxada” manuseada à custa da força braçal, – também sua companheira diária, apenas brevemente abandonada para o Cavador orar “em silêncio” – deposita na terra através da enxada todo o seu sofrimento, dor e angústia. A cada madrugada que passa, desbrava a serra para, em troca, receber o alimento (“um caldo em prémio”) para o corpo (das “seis bocas” geradas) e para a alma: “Cavou cem montes... que é do trigo?/ Gerou seis bocas... que é do trigo?!/ - Oh, dor! Oh, dor!/ - Bateu a Fome ao seu postigo.../ Bateu a Morte ao seu postigo.../ Oh, dor! Oh, dor! - /«Que a paz de Deus seja comigo!... /Que a paz de Deus seja comigo!...»/ Disse, expirando, o cavador!” (Carvalho, 1972: 904).

Façamos agora um breve preâmbulo antes de partirmos à descoberta de espaços

abertos com funções diferentes no ideário transmontano: as Ermidas e as eiras. Assim, entendemos que os espaços (e não o espaço como um todo, por existirem abordagens ao lar e à serra, ao moinho e aos montes, por exemplo) mencionados nas diferentes composições poéticas são ricos em simbologias, em humanidade, em linguagens. Mais. O que acontece exteriormente reflete-se nos espaços interiores, no lar, na família, como se de um prolongamento se tratasse. Os micro e macro espaços não são fechados – a comprová-lo surgem os textos dedicados a uma Moleirinha, a um Cavador, a um Pastor, uma vez que as suas atividades representam a continuidade do alimento granjeado para o corpo que, por sua vez, encontrará força nos espaços exteriores e interiores.

3. O espaço interior e o espaço exterior na construção da alma

Em Trás-os-Montes as ermidas apresentam-se sobretudo no alto dos montes, desprotegidas, recônditas, muitas vezes apenas acessíveis aos pastores que percorrem as serranias e ao gado pastoreado ou aos animais selvagens. Representam pontos de amparo espiritual, uma espécie de ligação entre o céu e a terra no silêncio que só a natureza sabe proporcionar.

Em *Os Simples*, o poeta introduz as “Ermidas” como “ninhos brancos de ideal pousados/Lá nesses fragosos montes escavados,/Onde não há água nem germina o pão”; são lugares caracterizados por “fundas noites de inverno”, cercados pelos “lobos” e demasiadamente bravios para serem habitados por uma “débil virgem tão desamparada/com um inocente nos seus braços...ai!” (Carvalho, 1972: 888). Contudo, adverte o poeta:

Lá nos altos montes sem trigais, nem vinhas,
Sem o bafo impuro que dos homens vem,
É que a mãe de Cristo com as andorinhas,
E as estrelas d’oiro mesmo ali vizinhas,
Num casebre térreo se acomoda bem.

Bispos não precisa; servem-nas pastores,
Capelães d’ovelhas, mais o seu zagal...
Lâmpadas às Trindades, chão varrido, flores,
Nada falta à Virgem, mãe dos pecadores,
Numa igrejazinha que é como um pombal.

E nas brutas, rudes solidões tão calmas
Ai, muito se engana quem a julga só!
Entre o luar dos hinos e o verdor das palmas,
Para lá caminham romarias d’almas...
Todos nós lá fomos com a nossa avó!...

Oh, as invisíveis procissões piedosas,
Romarias fluídas, sobrenaturais!
Por onde elas marcham, brancas, vaporosas,
Fica nos espaços um alvor de rosas
E uma angelizante tremulina d'ais!... (Carvalho, 1972: 889)

Logo a seguir, a anáfora (“Vão”) vem lembrar as razões pelas quais as “almas de velhinhas”, “almas de meninos”, “almas em noivados”, “almas de pastores”, “almas d’assassinos”, “almas de mendigos”, “almas vagabundas”, “almas de corolas matinais”, “almas de borregos, touros, passarinhos” almas “das urzes e ervas dos caminhos” e as “almas moribundas” seguem em procissões e romarias: “Vão buscar alívios pró netinho doente,/Vão pedir notícias dalgum filho ausente,/Vão rogar a Glória para os mortos já...”. E se para algumas almas é tempo de pedir pela “verdura [para] os gados, chuva [para as] sementeiras”, para outras, a romaria “Faz bailar as moças ao luar nas eiras,/Faz fugir os lobos vendo o seu candil” (Carvalho, 1972: 890).

Como facilmente se percebe, Junqueiro, especialmente nesta composição poética, “não prejudica o livro pelas suas convicções pessoais, antes elas servem para marcar o valor da vida espiritual dos simples, que, ao calor do seu coração simpatizante, perde até um pouco de inércia dos hábitos para aparecer no estado nascente, viva, dominadora e sublime” (Coimbra, 1923: 36). Neste texto, segundo o parecer do mesmo autor, “aqui o sonho alarga, a piedade cresce e o Poeta leva carícias, o calor do coração, até às mais remotas e afastadas criaturas” (p. 29).

Já o dissemos, os diferentes espaços explorados em *Os Simples* não se afastam, antes se fundem em harmonia e contribuem para modelar a alma quer do poeta, quer das personagens que, por sua vez, criam uma relação de dependência entre ambos. Ora, refletindo sobre a força da natureza, no seu máximo esplendor propiciado pelo despoletar da primavera, com o céu a verter luar, ou em momentos em que o mau tempo é implacável (“Oh, que noite negra, que invernia brava”), ou ainda quando o poeta descreve minuciosamente a rudeza das fragas, percebemos que momentos e paisagem física enquadram *Os Simples* em Trás-os-Montes. Já as personagens são claramente símbolo de um povo humilde, pobre e sem recursos (“Em casal de serras arde o castanheiro,/Lâmpada de pobres a fazer serão;/Derredor do grande, festival braseiro,/A velhinha, o velho, o lavrador trigueiro,/A mulher, os filhos, o bichano e o cão”), extraordinariamente crente (“A velhinha reza, reza afervorada.../Tão velhinha e branca, branca de jasmins,/Que a idealizo e creio d’esplendor banhada,/Entre palmas verdes até Deus levada/num andor de rosas pelos serafins...”) e agradecida pelo pouco que possui:

Quantas vezes, quantas! por manhãs radiantes
Em pequeno, alegre como um colibri,
Não trepara aos braços todos verdejantes

Desse castanheiro, que nalguns instantes
Há-de ver em cinzas já desfeito ali...

[...]

Como não sentir um entranhado afecto,
Como não amá-lo com veneração,
Se lhe dera a trave que sustenta o tecto,
Se lhe dera o berço onde repousa o neto,
Se lhe dera a tulha onde arrecada o pão!

Fez com ele o jugo e fez com ele o arado;
Fez com ele as portas contra os vendavais;
E com ele é feito o velho leito amado,
Onde se deitara para o seu noivado,
E onde já morreram seus avós, seus pais! (Carvalho, 1972: 878-885)

Em “In pulvis...”, o leitor é brindado com a “simplicidade dum recanto de vida, que se baste, Terra que se entregue amorosamente aos braços que a revolvem, que em cada volta do arado que a rasga deixe uma cotovia a cantar e que dê o trigo que alimenta, a palha que abriga e o linho que veste” (Coimbra, 1923: 25) e com as orações de uma velhinha que “reza e as pobres almas perdidas, às quais nenhuma oração dos vivos manda a claridade do seu amor, acodem ao seu chamamento e abrigam-se ao seu amor comunicativo e redentor” (p. 27).

Por outro lado, a eira é o espaço de reunião (para dar continuidade ao trabalho já iniciado nos campos, como por exemplo o debulhar das espigas ou a malha do trigo) e de convívio por excelência em torno desse trabalho. No poema de Guerra Junqueiro “Eiras ao Luar” é destacado o carácter de convívio ao amanhecer e ao entardecer (“Oh, bailai, ceifeiras, lindas feiticeiras,/na aleluia argêntea do clarão do luar!”; “Jantar aqui, merendar!...”), tendo subjacente o trabalho inerente a esse encontro (“Malhas no malhadoiro”) e sem descurar os elementos que estão intimamente ligados ao trabalho como os “arados”, as “ladeiras e prados”, os “campos maninhos”, o “celeiro”, as “palhas do centeio”, a “meda encantada”, a “mó doirada”, os “bois deitados”, os “passarinhos”. A eira surge, pois, como um momento de celebração em torno das colheitas do ano (do grão, da batata) e dá azo ao bailado “à volta desse bom tesoiro” conseguido à custa de muito esforço e perseverança (“Que é a côdea negra”) numa “terra gélida e nua”, “nas ladeiras e prados” (Carvalho, 1972: 886-887).

Na verdade, e apesar do ambiente aparentemente festivo, o bailado representa o culminar de três estações de trabalho árduo e a necessidade de recordar a “esmola” para aqueles que nada têm para celebrar, aqueles que apenas trabalharam pela “côdea negra”:

Entre as palhas do centeio,

Quantas esmolos no meio,
Que deixam lírios no seio
E as mãos escorrendo luz!...
Oh, bailai em volta do celeiro cheio!
Oh, bailai à volta dos mendigos nus!...

Quanta hóstia consagrada,
- Pão da última jornada! –
Dorme na meda encantada
Ao luar tão leve e tão lindo!...
Oh, bailai em volta dessa mó doirada,
Que bailais à volta de Jesus dormindo!... (Carvalho, 1972: 887)

O grão colhido que se há de transformar em farinha e em pão é a certeza de um inverno com o alimento garantido, “é a esmola, é a Caridade, é a Luz; é o perfeito amor, bússola da última jornada, a própria mão de Cristo guiando para o céu as almas transviadas” (Coimbra, 1923: 29).

4. Considerações finais

Os Simples proporcionam a imagem de uma região próspera, inóspita por vezes, verdejante e abundante e que obriga sempre à resiliência dos seus habitantes; onde o abandono dos campos ainda não tinha acontecido. O campo era, bem pelo contrário, no final do século XIX, sinónimo de riqueza e sustento da casa e da família, e as tarefas agrícolas sinónimo de trabalho árduo, mas, ao mesmo tempo, epicentro de convívio, reunião, partilha, de comunhão entre os diferentes elementos da comunidade dos quais fazem parte a paisagem e os demais elementos da natureza – a água, as aves, os animais domésticos. Como defende Pina de Morais (1923), “nos «Simples» é uma enxada que revolve terra e uma humildade combatida que professa e se embeleza de perdões” (p. 134). Apesar de a obra nos fornecer imagens, por vezes difíceis de assimilar, do ambiente natural e humano, a ficção não deixa de ilustrar a realidade que Trás-os-Montes oferecia no dealbar do século XX. Também por isso, concordamos com Pina de Morais (1923) ao asseverar que “A doçura dos «Simples» é como a da luz do azeite – vem da tortura dos frutos, da vida macerada que se queima religiosamente no último devocionário” (p. 134).

Entende-se, pois, como o poeta enlaça as personagens, criadas na e para a terra, aos seus recursos. O poeta, por sua vez, revê-se nos espaços e nas personagens, criando uma simbiose entre as diversas almas, incluindo a alma da natureza. O próprio poeta assim se refere à criação da obra em 1891 numa carta dirigida a Alberto d’Oliveira:

A alma primitiva da aldeia transmontana constitui decerto a melhor parte do meu livro de líricas. Mas não se iluda. Não são quadrinhos de género que procurei pintar. Não é a obra dum paisagista hábil e inovador, em busca do pitoresco inédito, do raro que surpreende.

Não. O meu Livro traduz, espontânea e involuntariamente, o estado da minha alma. Não é a aldeia que é perfeitamente assim, sou eu. Fiz camponeses, como eu desejaria sê-lo nesta hora. Encarnei em pastor, em cavador, em boi, em árvore, em montanha. Há nesses versos uma dupla realidade: a realidade das coisas, porque existem, embora diversas, e a realidade do símbolo, porque dei a essas coisas a minha própria alma (Lopes d'Oliveira, 1955: 192).

Junqueiro regressa à “harmonia alma-universo através do coração ingénuo do povo, onde o céu e a terra se abraçam num beijo de luz nas brancas ermidas dos outeiros a tocar o céu nos alongados braços das madonas, que lá rezam entre o chocalhar dos rebanhos e o cantar das águas nos seixos das encostas” (Coimbra, 1922: 50). Talvez, por isso, possamos dizer que, em *Os Simples*, Junqueiro regressa à infância, ao calor da lareira aquecida à custa do tronco do castanheiro, ao aconchego do colo da avó, às orações rezadas debaixo do crepúsculo, ao pastoreio dos rebanhos e às fontes de águas límpidas. Numa frase: Junqueiro regressa à paz do lar com os simples, após muitas experiências vividas, após muitos tormentos passados.

Referências bibliográficas

Ativa:

CARVALHO, Amorim (1972). *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Porto: Lello & Irmão - Editores.

Teóricas:

CABRAL, António (1942). *O talento e os desvarios de Guerra Junqueiro*. Lisboa: Portugalia.

CASULO, João Carlos (2000). Leonardo Coimbra: apologia do cristianismo face a Junqueiro e Pascoaes. In J. Esteves Pereira & al [incluindo JCCasulo], *Catolicismo, Modernidade e Antimodernidade (1910-1940)*, (pp. 467-484). Universidade Católica Editora.

COIMBRA, Leonardo (1923). Guerra Junqueiro. *A Águia*, III(13-14), 18-50.

COIMBRA, Leonardo (1922). Regresso ao Paraíso. *A Águia*, III(2), 50.

D'OLIVEIRA, Lopes (1954). *Guerra Junqueiro: a sua vida e a sua obra (1880-1923)*. Lisboa: Edições Excelsior.

NAVARRO, José (1926). Guerra Junqueiro. *A Batalha*, (137), 4.

PINA de MORAIS, João (1923). Guerra Junqueiro. *A Águia*, III(15-16), 134.

QUENTAL, Antero (1926). A Missão do escritor. *Seara Nova*, V(75), 56-57.

A.F. (1913). A obra da Renascença Portuguesa. Revista *A Vida Portuguesa*, n.º 14, 3 de junho. Texto extraído do *Jornal Pernambuco* - parte I de 29 de Dezembro de 1912, parte II de 6 de Janeiro de 1913. O texto continua no n.º 15 de *A Vida Portuguesa*, 7 de julho, 1913, pp. 119-120.

